PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – CHECKLIST: REVISÃO DE LITERATURA.

Orientador: Juliana Ollé Mendes da Silva 1

Autores: Edilaine Aparecida Orchel2, Gabriela de Araújo3, Isabela Maria Coatti Rocha4 e Júlia Dullius Oliveira5.

1 Professora da Faculdades Pequeno Príncipe.

2, 3, 4 e 5 Alunas do Curso de Medicina da Faculdades Pequeno príncipe.

Apresentadores bolsistas: Edilaine Aparecida Orchel e Gabriela Araujo.

Email: edilaineorchel@hotmail.com.

**VALIDAÇÃO DE CHECKLIST EM UMA**

**SIMULAÇÃO INTERPROFISSIONAL.**

Considerando o ensino superior, criado ainda na Idade Média, a primeira Universidade e posteriormente a escola de Paris eram baseadas no modelo tradicional de ensino com forte influência da Igreja católica. Posteriormente com os ideais renascentistas e séculos depois com o iluminismo instala-se o modelo de Universidade estatal moderna, observada até os dias de hoje. No Brasil, a gênese do Ensino Superior teve início com a chegada da Família Real Portuguesa e sua periodização tem como referência os estudos de Durham que o classifica de acordo com os períodos político-econômicos da história do país. Ocorre a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que reforçou ainda mais o modelo tradicional de ensino mas com o poder para autorizar e fiscalizar novos cursos de graduação e deliberar sobre o currículo mínimo de cada curso. No advento da promulgação da Constituição Federal de 1988, que preconiza a educação como direito universal, começou-se o debate sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Diante disso, iniciou-se a busca por um modelo que formasse profissionais de qualidade, um método de ensino que ainda é utilizado é o “see one, do onde teach one” mas este oferece riscos aos estudantes e aos pacientes. Em decorrência desse contexto, pela preocupação com a segurança do paciente e os riscos aos estudantes, surgiu um modelo mais moderno de ensino, que converge com o ideal da metodologia ativa, que é a simulação.

        A simulação pode ser dividida nas modalidades simulação de baixo custo (baixa tecnologia), simulação virtual com uso de *Softwars* ou aplicativos, paciente simulado e simulação realística em que se utiliza de uma réplica quase exata do cotidiano da profissão. Muitos métodos de avaliação de casos simulados em metodologias ativas sob observação utilizam formulários estruturados para dirigir a atenção do avaliador a comportamentos específicos listados (checklist) ou a competências com notas globais. Na confecção de um checklist é importante que sejam claras as competências a serem avaliadas em função dos objetivos definidos e estes sejam adequados ao nível de conhecimento e experiência dos alunos, depois de serem descritos os objetivos pode-se construir os instrumentos de avaliação e os conceitos a serem avaliados e previstos para determinada estação de OSCE. Por meia das ferramentas de avaliação pode-se verificar diferentes subitens ou passos que compõe a competência avaliada por meio do comportamento observável, tendo como opções de resposta sim/não ou escalas. Outro instrumento de avaliação são as escalas de classificação que são úteis para comportamentos ao longo de um continnum. Para avaliação também pode-se usar o Conceito Global que atribui ao examinado um conceito de maneira retrospectiva ao final de determinada estação. Ao final da avaliação há o feedback ao examinado, assim este toma conhecimento o mais breve possível sobre seus acertos e erros. Após o período de avaliação por método de checklist, passa-se para a etapa de debriefing em que o avaliador oferece o feedback ao examinado sobre informações a respeito de seu desempenho na simulação.

**REFERÊNCIAS**

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. Rigor e Integridade na Condução da Pesquisa Científica. Rigor e Integridade na Condução da Pesquisa Científica - **Guia de Recomendações de Práticas Responsáveis**, p. 13, 2013.

AKAIKE, M. et al. Simulation-based medical education in clinical skills laboratory. The Journal of Medical Investigation, v. 59, n. 1,2, p. 28–35, 2012.

BETZ, R.; GHUYSEN, A.; D'ORIO V. D. SIMULATION EN PÉDAGOGIE MÉDICALE : état des lieux. v. 138, n. 1, p. 132–138, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96. MEC, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

CANADIAN INSTITUTE OF HEALTH. **Subject: Use of Student Subject/Participant Pools in Research**. Government of Canada, 2006. Disponível em: <http://www.pre.ethics.gc.ca/archives/tcps-eptc/interpretations/docs/Use\_of\_Student\_Subject-Participant\_Pools\_in\_Research\_July\_2006.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2017.

CANADIAN INSTITUTE OF HEALTH. **Ethical Conduct for Research Involving Humans**. Government of Canada, 2014. Disponível em: <http://www.pre.ethics.gc.ca/pdf/eng/tcps2-2014/TCPS\_2\_FINAL\_Web.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

DAWSON, Beth; TRAPP, Robert G. **Basic & Clinical Biostatistics**, 4e Eds New York, NY: McGraw-Hill, 2004 Chapter 3. Summarizing Data & Presenting Data in Tables & Graphs. Dispoível em: <http://accessmedicine.mhmedical.com/content.aspx?bookid=356&sectionid=40086282>. Acessado 14 de julho de 2017

DURHAM, E. Educação superior, pública e privada (1808 – 2000). In: SCHWARTMAN, Simon & BROCK, Colin. Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2005.

EMANUEL, E.; ABDOLER, E.; STUNKEL, L. **Research Ethics: How to Treat People who Participate in Research**. National institutes of health clinical center Department of Bioethics, 2010.

GOLDENBERG, L. R. et al. Recruitment of research volunteers: methods, interest, and incentives. **The Journal of chiropractic education**, v. 21, n. 1, p. 28–31, 2007.

GONTIJO, E. D.; ALVIM, C. G.; LIMA, M. E. C. DE C. Revista Docência do Ensino Superior Revista administrada pelo GIZ - Rede de Desenvolvimento de Práticas de Ensino Superior da UFMG. [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2015. v. 5

HARDEN, R. M. Twelve tips for organizing an Objective Structured Clinical Examination (OSCE). Medical Teacher, v. 12, n. 3–4, p. 259–264, 3 jan. 1990.

HARDER, B. N. Evolution of Simulation Use in Health Care Education. Clinical Simulation in Nursing, v. 5, n. 5, p. e169–e172, 2009.

IGLESIAS, A. G.; PAZIN-FILHO, A. Emprego de Simulações no Ensino e na Avaliação. Medicina (Ribeirão Preto), v. 48, n. 3, p. 233–40, 2015.

JONES, F. et al. Simulation in Medical Education : Brief history and methodology. Ppcr, v. 1, n. 2, p. 56–63, 2015.

LEI nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece a Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 20 de dezembro de 1996.

LEENTJENS, A. F. G.; LEVENSON, J. L. Ethical issues concerning the recruitment of university students as research subjects. **Journal of Psychosomatic Research**, 2013.

MACK, P. Simulation-Based Learning. p. 1–10, 2015.

MARTINS, W. CONCEIÇÃO. IMPLEMENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO FORMATIVA NO ENSINO DE HABILIDADES E ATITUDES E CONTRIBUTOS NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA, NA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA. UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO. MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCACÃO DE ADULTOS - UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, p. 158, 2017. Acessado em 06 de abril de 2017

MASETTO, Marcos Tarciso. (Org.). Docência na universidade. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Aprender: O SUS e os cursos de graduação da área da saúde, 2004.

PAWLOWSKI, SUZANNE D, OKOLI, C. The Delphi Method as a Research Tool : An Example , Design Considerations and Applications 1 Introduction 2 Overview of the Delphi method. **Information & Management**, v. 42, n. 1, p. 15–29, 2004.

PUGH, D. & SMEE, S. GUIDELINES for the DEVELOPMENT of OBJECTIVE STRUCTURED CLINICAL EXAMINATION (OSCE) CASES. Ottawa: Medical Council of Canada. p. 38, 2013.

REID, J. et al. The Simulation Team Assessment Tool (STAT): Development, reliability and validation. **Resuscitation**, v. 83, n. 7, p. 879–886, 2012

RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

RESOLUÇÃO Nº 3, DE 20 DE JUNHO DE 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências.

ROSSATO, Ricardo. Universidade: nove séculos de História. Passo Fundo: UPF, 2005

ROSEN, K. R. The history of medical simulation. Journal of Critical Care, v. 23, n. 2, p. 157–166, 2008.

SAMPAIO , MARIA BARBOSA, A.; PRICINOTE, CRISTINA MARQUES NUNES, S.; PEREIRA , REGINA SILVA, E. AVALIAÇÃO CLÍNICA ESTRUTURADA STRUCTURED CLINICAL EVALUATION EVALUACIÓN CLÍNICA ESTRUCTURADA. Sampaio AMB Avaliação clínica estruturada Revista Eletrônica Gestão & Saúde, v. 5, n. 2, 2014.

“See One, Do One… and Teach One” - European Medical Journal, 2014. Disponível em: <http://emjreviews.com/blog/see-one-one-teach-one/>. Acesso em: 29 mar. 2017.

SIMPSON, S. H. Creating a data analysis plan: What to consider when choosing statistics for a study. **Canadian Journal of Hospital Pharmacy**, v. 68, n. 4, p. 311–317, 2015.

SITTA, É. I. et al. Universitários como sujeitos de pesquisa: aspectos éticos e legais. **Cad. Saúde Coletiva**, v. 19, p. 117–121, 2011.

SLAVEC, A.; DRNOVESEK, M. A perspective on scale development in entrepreneurship research. **Economic and Business Review**, v. 14, n. 1, p. 39–62, 2012.

SOARES, José Francisco, SIQUEIRA, Arminda Lucia. **Introdução à estatística médica**. 2ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2002

SOCIETY FOR SIMULATION IN HEALTHCARE. Healthcare Simulation Dictionary. n. June, p. 1–50, 2016.

SOURANI, A.; SOHAIL, M. The Delphi Method: Review and Use in Construction Management Research. **International Journal of Construction Education and Research**, v. 11, n. 1, p. 54–76, 2014.

TALAVERA, J. O.; RIVAS-RUIZ, R.; HILL, B. IV . Appropriateness of the Statistical Test. v. 49, n. 3, p. 30–34, 2013.

UNESCO. A educação superior no Brasil. Porto Alegre, 2002.

VIEIRA, Sonia. **Introdução à Bioestatística**. 3ed. revista e ampliada - Rio de Janeiro: Elsevier, 1980 - 19ª reimpressão

WANDERLEY, L. E. W. O Que é Universidade? São Paulo: Brasiliense, 2003. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.